

COOPERATIVAS DE CRÉDITO: UM MODELO ECONÔMICO DE SUCESSO.

Guilherme Benvindo de Camargo¹
Karla Gonçalves Macedo²

Resumo: O termo cooperativa de crédito, por ser ainda um termo novo no dia-a-dia do mercado financeiro e também para os utilizadores deste se torna alvo de especulações e dúvidas. Para isto, cabe ressaltar que estas oferecem como os bancos, produtos e serviços. O principal diferencial é que aqueles que são clientes denominam-se cooperados e são “donos” da cooperativa que fazem parte. No Brasil, as cooperativas já são o 6º sistema bancário utilizado, portanto, o artigo vem abordar o início do cooperativismo no mundo, seus princípios, sua classificação perante as leis vigentes, a sua origem no país, a definição do cooperativismo de crédito, a diferenciação perante os bancos comerciais, os sistemas que fazem funcionar as cooperativas. Sendo assim, a partir do artigo, tem-se a base das pessoas que utilizam os serviços e produtos, tanto qual, a sua avaliação e expectativa dentro da cooperativa que é atendida, portanto, é inserido ao leitor, a perspectiva e realidade do sistema que cresce a passos largos em busca de diferenciação do mercado financeiro convencional.

Palavras-chave: Cooperativas de Crédito; Modelo Econômico; Mercado Financeiro Cooperativista; Associação Cooperativista.

Abstract: The term credit cooperative, as it is still a new term in the day-to-day of the financial market and also for the users of this, still becomes the target of speculations and doubts. For this, it should be noted that these offer as banks, products and services. The main difference is that those who are clients, are called cooperative and are "owners" of the cooperative that they are part of. In Brazil, cooperatives are already the 6th banking system used, therefore, the article addresses the beginning of cooperativism in the world, its principles, its classification in relation to the laws in force, its origin in the country, the definition of credit cooperativism, differentiation vis-à-vis commercial banks, the systems that make cooperatives work. Thus, from the article, it is based on the people who use the services and product, both what, their evaluation and expectation within the cooperative that is served, therefore, is inserted to the reader, the perspective and reality of the system that grows in stride in search of differentiation of the conventional financial market.

Keywords: Credit cooperatives; Economic model; Cooperative Financial Market; Cooperative Association.

¹ Aluno do 8º termo do Curso de Administração da Faculdade Santa Rita-SP, FASAR, endereço eletrônico: guilhermecamargo@yahoo.com.br

² Mestra em Tecnologia ambiental, Professor do Curso de Administração da Faculdade Santa Rita-SP, FASAR, endereço eletrônico: karlamcarvalho@terra.com.br.

1. INTRODUÇÃO

Cooperar é sinônimo de crescer em conjunto. Estabelecendo como base este conceito e a contribuição econômica das cooperativas de crédito para economia, o artigo vai demonstrar em sua revisão bibliográfica a definição de cooperativismo, sua evolução histórica a nível nacional e internacional, sua definição jurídica e seus diferenciais de validação no mundo capitalista, além de realizar uma pesquisa de campo em uma cooperativa de crédito na cidade de Borborema, situada no interior do estado de São Paulo, com o objetivo de analisar o nível de conhecimento dos clientes sobre os conceitos de cooperativa e os serviços prestados pela mesma.

Neste sentido, o autor Crúzio traduz muito bem o significado de que “cooperativa é uma união de pessoas, cujas necessidades individuais de trabalho, de comercialização ou de prestação de serviços em grupo, e respectivos interesses sociais, políticos e econômicos fundem-se nos objetivos coletivos da associação” (2005, p. 07).

Portanto, partindo do slogan “união de todos fortifica cada um”, este utilizado pela Cooper citrus, uma das cooperativas pioneiras no país, podemos elencar uma série de diferenciais que fazem deste modelo econômico, uma chave para o sucesso no século XXI.

Segundo o Portal do Cooperativismo Financeiro, a primeira cooperativa do país e da América Latina, foi criada em Linha Imperial, distrito de Nova Petrópolis/RS, sendo a origem do que é hoje, contando com mais 1000 instituições financeiras cooperativistas no Brasil.

Para reforçar a ideia que cooperar é sinônimo de crescer juntos e fundamentarmos que todos nascem com conceitos cooperativistas, usamos das palavras de um dos precursores deste ideal no Brasil.

Quando os homens das cavernas descobriram que, lutando juntos, tinham mais força para vencer seus inimigos, estavam lançando as bases da vida em sociedade. Estavam, principalmente, descobrindo o valor da união e da solidariedade, os mesmos princípios que, como uma revelação, uma redescoberta da própria origem do homem social, são os fundamentos do cooperativismo. Talvez, por isso, pareçam tão naturais (passando até despercebidos) os benefícios que o sistema proporciona. (PORTO, 2000, p. 27).

Assim, o estudo fará uma reflexão em torno das qualidades e resultados que as cooperativas apresentam a seus cooperados e que a torna uma opção que vem crescendo com autonomia, em que todos possuem os mesmos direitos e obrigações.

Para tanto, relataremos seus princípios, que são primordiais para a compreensão do cooperativismo de crédito, a distinção entre cooperativas de crédito e bancos, os sistemas de

crédito com mais relevância no país e a importância destes para o desenvolvimento da sociedade onde atuam.

Complementa-se considerando que as cooperativas inspiram um sentido social e democrático, onde todos os associados – como são chamados os cooperados – controlam e decidem sobre sua existência. Num espírito de ajuda, todos estes, unem esforços, estabelecem vínculos e constroem um objetivo comum e que irá ser tratado com ênfase neste trabalho: gerar riquezas para todos.

Segundo PORTO, (2000, p. 304), “nossa cooperativa será sempre tão grande quanto nossos cooperados quiserem que seja”, com isto define-se que os objetivos de cada cooperativa vão de acordo com que seus associados pensam, votam e colocam como meta para que sejam atingidas, gerando sobras a aqueles que fazem parte deste núcleo.

Conclui-se que o artigo a seguir, apresentará a doutrina cooperativista, que deve ser elevada não numa dimensão impositiva, mas como um apelo às consciências de cada ser humano, próprio da educação da solidariedade que conduza a uma sociedade e a um sistema econômico alternativo, mais solidário, justo, autônomo, democrático e participativo, onde se encontram maneiras de prosperar juntos, economizar juntos e gerar sobras para aqueles que nela participam.

2. O INÍCIO DO COOPERATIVISMO NO MUNDO

O termo cooperar sempre esteve presente na história da humanidade, pois nota-se que o próprio homem primitivo, quando descobriu que lutando em equipe teria mais forças para vencer os seus desafios, estava lançando do modo cooperativo de vida. (PORTO, 2000, p. 27).

Remontando o tempo, encontramos em 1610, as fundações das primeiras reduções jesuítas no Brasil, com o início da construção da base cooperativista. Por mais de 150 anos, este modelo deu exemplo de sociedade solidária, onde se fundamentava no trabalho coletivo, onde o bem-estar comum, seja ele individual ou familiar, se sobressaía sobre o interesse econômico da produção. (PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2017).

Entretanto, o modelo cooperativista na forma que conhecemos, “suruiu em 28 de outubro de 1844, na cidade inglesa de Rochdale, época em que o Estado passava por uma séria crise social, agravada pelas repercussões da Revolução Industrial.” (FRANZ, 2006, p. 2).

“Tendo o homem como principal finalidade – e não o lucro, os tecelões de Rochdale buscavam naquele momento uma alternativa econômica para

atuarem no mercado, frente ao capitalismo ganancioso que os submetiam a preços abusivos, exploração da jornada de trabalho de mulheres e crianças (que trabalhavam até 16h) e do desemprego crescente advindo da revolução industrial.” (PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2017).

Contudo, os tecelões submetiam-se a possuir neutralidade política e religiosa, elegiam seus diretores, efetuavam negócios somente em dinheiro e restituíam os dividendos de acordo com o capital rendido. (FRANZ, 2006, p. 2).

Tal iniciativa foi motivo de deboche por parte dos comerciantes, mas logo no primeiro ano de funcionamento o capital da sociedade aumentou para 180 libras e cerca de dez mais tarde o “Armazém de Rochdale” já contava com 1.400 cooperantes. O sucesso dessa iniciativa passou a ser um exemplo para outros grupos. (PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2017).

Diante do sistema econômico que vigorava na época, o cooperativismo foi considerado o caminho do meio, sendo a intermediação do capitalismo – base de sustentação e socialismo – distribuição de riqueza. (FRANZ, 2006, p. 3).

2.1 PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO

Cerca de 150 anos depois, os ideais iniciais de Rochdale eram mantidos, porém, em novembro de 1995, em Manchester, Inglaterra, no XXXI Congresso (Associação Cooperativa Internacional), foram votadas as últimas modificações que estão apresentadas no quadro abaixo: (ETGETO, et. al., 2005, p. 10).

Quadro 1 – Modificações nos princípios do cooperativismo

Princípios do cooperativismo
Adesão livre e voluntária: As cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como membros, sem discriminação de sexo ou gênero, social, racial, política e religiosa.
Gestão democrática: As cooperativas são organizações democráticas, controladas pelos seus membros, que participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões. Os homens e as mulheres, eleitos como representantes dos demais membros, são responsáveis perante estes. Nas cooperativas de primeiro grau, os membros têm igual direito de voto (um membro, um voto); as cooperativas de grau superior são também organizadas de maneira democrática.
Participação econômica: Os membros contribuem equitativamente para o capital das suas cooperativas e controlam-no democraticamente. Parte desse capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os membros podem receber, habitualmente, havendo condições econômicas financeiras para tanto, uma remuneração sobre o

capital integralizado, como condição de sua adesão. Os membros destinam os excedentes a uma ou mais das seguintes finalidades: desenvolvimento da cooperativa, possibilitando a formação de reservas, em parte indivisíveis; retorno aos sócios na proporção de suas transações com as cooperativas e apoio a outras atividades que forem aprovadas pelos associados.
Autonomia e independência: As cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas pelos seus membros. Se firmarem acordos com outras organizações, incluindo instituições públicas, ou recorrerem a capital externo, devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos seus membros e mantenham a autonomia da cooperativa.
Educação, formação e informação: As cooperativas promovem a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Informam o público em geral, particularmente os jovens e os líderes de opinião, sobre a natureza e as vantagens da cooperação.
Intercooperação: As cooperativas servem de forma mais eficaz aos seus membros e dão mais força ao movimento cooperativo, trabalhando em conjunto, através das estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais.
Interesse pela comunidade: As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades através de políticas aprovadas pelos membros.

Fonte: ETGETO, et. al., 2005, p. 10.

2.2 CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO OBJETO NO BRASIL

As cooperativas, segundo a Lei 5764/71, no artigo 5º destaca que as cooperativas poderão adotar por objeto qualquer gênero de serviço, operação ou atividade, assegurando-lhes direitos exclusivos e exigindo-lhe o uso da expressão cooperativa em sua denominação.

No Brasil, a OCB (Organização das Cooperativas no Brasil), classifica e divide as cooperativas por ramos: Agropecuário, Consumo, Crédito, Educacional, Especial, Infraestrutura, Habitacional, Produção, Mineral, Trabalho, Saúde, Turismo e Lazer e Transporte. Assim, focaremos na Cooperativa de Crédito, onde a própria organização a resume desta maneira:

“O negócio, aqui, é promover a poupança e oferecer soluções financeiras adequadas às necessidades de cada cooperado. Sempre a preço justo e em condições vantajosas para os associados. Afinal, o foco do cooperativismo de crédito são as pessoas, não o lucro.”
(ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS NO BRASIL, 2017).

Com isto, segundo a OCB, com os números finalizados de 2016, os maiores ramos por número de cooperativas são: Agropecuário – 1.555; Transporte – 1.205; Crédito – 976; Trabalho – 895 e Saúde – 813.

2.3 ORIGEM DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO BRASIL

O início deste modelo inovador na economia brasileira, segundo o Portal do Cooperativismo Financeiro, teve início em 1902, no Rio Grande do Sul, sob a inspiração do Padre Jesuíta Theodor Amstadt, foi criada em Linha Imperial, distrito de Nova Petrópolis, a 1ª Cooperativa de Crédito da América Latina, a “Caixa de Economia e Empréstimos Amstad”, hoje a SICREDI PIONEIRA RS, uma das maiores do país.

Com isto, o cooperativismo de crédito se tornou viável, pois nesta região havia muitos imigrantes. Quando chegavam ao país, com entusiasmo e disposição, viam situações diferentes das prometidas, não encontrando estímulo financeiro estatal, quantos nos bancos privados que consideravam estes negócios de alto risco. (FRANZ, 2006, p. 11).

Santos, descreve que os colonos buscavam de outras maneiras, estes empréstimos:

Sendo assim, quando se tornava indispensável à obtenção de recursos, estes geralmente eram obtidos com empréstimos junto a financistas, mas abastados da região. A usura acabava por fazer com que muitas dívidas fossem acumuladas e/ou acrescidas de juros exorbitantes, levando honestos trabalhadores a perderem suas terras para honrar compromissos (SANTOS, 2005, p. 14 e 15).

Assim, completamos a ideia e vemos que o autor descreve onde o Padre Theodor contribui para uma mudança drástica:

(...) Amstad seguiu trabalhando com seu ideal pelo estado, ajudando a formar mais 41 cooperativas no Rio Grande do Sul. Tão importante quanto sua missão de trazer uma possibilidade de desenvolvimento sustentado, harmônico e democrático, o pároco contribuiu para o fortalecimento do sentimento de comunidade, em que a união dos indivíduos traria benefícios a todos (SANTOS, 2005, p. 15).

Para complementar a ideia do surgimento das cooperativas, Schardong discorre que:

Impulsionada pela obstinação do seu precursor, a ideia do Cooperativismo de Crédito se materializou em mais de 60 instituições espalhadas pelo Rio Grande do Sul. Constituídas sob a denominação de Caixas União Popular Raiffeisen, essas organizações tornaram-se representativas no financiamento das atividades das comunidades interioranas colonizadas por imigrantes europeus, especialmente na década de cinquenta (SCHARDONG, 2003, p. 63).

Depois de longos anos, em meados da década de 80, com a política monetária do governo Sarney, nada menos que 99% das cooperativas de crédito operaram com prejuízos, assim, para reforçar a ideia, cita-se as palavras de SANTOS:

(...) o Presidente da República José Sarney e seu ministro Dílson Funaro instituíram um plano econômico emergencial, no intuito de conter a inflação. O chamado Plano Cruzado tinha por meta a estabilidade dos preços, através da adoção de uma nova moeda (o Cruzado) e o “congelamento” dos valores de produtos comercializados no país. Com a abrupta queda dos índices de juros, as cooperativas foram seriamente afetadas nas suas operações, passando a operar com prejuízo (SANTOS, 2003, p. 57).

2.4 DEFINIÇÃO DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

Para uma especificação objetiva sobre a definição, usamos das palavras de Pagnussatt:

Cooperativas de crédito são sociedades de pessoas, constituídas com o objetivo de prestar serviços financeiros aos seus associados, na forma de ajuda mútua, baseada em valores como igualdade, equidade, solidariedade, democracia e responsabilidade social. Além da prestação de serviços comuns, visam diminuir desigualdades sociais, facilitar o acesso aos serviços financeiros, difundir o espírito da cooperação e estimular a união de todos em prol do bem-estar comum (PAGNUSSATT, 2004, p. 13).

Para CROCTEAU, “a cooperativa de crédito é um instrumental econômico que diligencia em desenvolver entre os seus participantes uma abordagem de eficiência empresarial na operação de suas respectivas realizações”. As cooperativas de crédito são consideradas instituições financeiras por equiparação, ou seja, são equivalentes às instituições financeiras comerciais, consideradas pela Lei 4.595/64, também sendo controladas e fiscalizadas pelo Banco Central, conforme o artigo 92, I da Lei 5.764/71.

2.5 DIFERENCIAÇÃO ENTRE COOPERATIVAS DE CRÉDITO E BANCOS

A principal diferença entre as cooperativas de crédito e os bancos, está ligada à ausência de lucro, ou seja, têm como finalidade prestar serviços financeiros aos associados, trazendo por consequência, vantagens, diferenciais e ganhos que visam uma melhor qualidade de vida, devido a diferenças exorbitantes nos valores pagos aos bancos. (FRANZ, 2006, p. 26). MEINEN et al. 2002, bem destacam as diferenças apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 2 – Diferenciação entre cooperativas de crédito e bancos

Diferenças entre cooperativas de crédito e bancos
Quanto ao tipo de sociedade: os bancos são sociedades de capital, onde o poder é exercido na proporção do número de ações (ex.: Banco do Brasil, onde 51% das ações são controladas pelo Governo Federal), enquanto que as cooperativas de crédito são

sociedades de pessoas, onde o voto tem peso igual para todos (uma pessoa, um voto), mesmo havendo diferenciação no capital integralizado de cada sócio.
Quanto às deliberações: nos bancos as deliberações são concentradas (diretorias administrativas e executivas), já nas cooperativas de crédito as decisões são compartilhadas entre muitos (associados), geralmente em assembleias gerais.
Administração: nos bancos, o administrador é escolhido pelas diretorias que controlam o poder de administração, já nas cooperativas de crédito o administrador é do meio (associado eleito por voto em assembleia).
Quanto ao usuário: nos bancos, o usuário é mero cliente e não exerce qualquer influência na definição do preço que são pagos pelos produtos adquiridos; enquanto que nas cooperativas de crédito o usuário é o dono (associado) e, toda a política operacional é decidida pelos próprios usuários/donos (associados).
Quanto à distinção: os bancos podem exercer diferentes tratamentos sobre clientes, seja por diferenciação por grandes investimentos, influências, etc., oferecendo taxas de juros e prestação de serviços com preços menores; já nas cooperativas de crédito os associados não podem ser distinguidos: o que vale para um, vale para todos (Art. 37 da Lei nº 5.764/71).
Propósitos: os bancos têm propósitos comerciais, já as cooperativas de crédito, o aspecto somente lucrativo e mercantil, não são cogitadas (Art. 79, parágrafo único, da Lei nº 5.764/71).
Atendimento: os bancos atendem em grandes quantidades, priorizando cada vez mais, o autoatendimento; já as cooperativas de crédito visam o atendimento personalizado/individual, com o apoio da informática.
Resultados: os bancos visam o lucro por excelência, pois, são executores de ideias que buscam resultado, sendo estes distribuídos a poucos (acionistas), enquanto que nas cooperativas o lucro está fora do seu objeto social (Art. 3 da Lei nº 5.764/71) e as sobras (como são chamados os excedentes, depois de pagos despesas e impostos), é distribuído entre todos os associados, na proporção das operações individuais, trazendo ainda mais vantagens para aqueles que utilizam este meio de instituição financeira.
No plano societário: os bancos são regulados pela Lei nº 6.404/76 – Lei das Sociedades Anônimas, enquanto que as cooperativas de crédito são reguladas pela Lei nº 5.764/71.

Fonte: MEINEN et al. 2002.

2.6 SISTEMAS DE CRÉDITO COOPERATIVO

Segundo o Portal do Cooperativismo Financeiro, com base em informações obtidas no Banco Central do Brasil, em 31 de dezembro de 2016, o Brasil contava com cerca de 1.000 instituições financeiras cooperativas, das quais aproximadamente 75% eram ligadas aos sistemas **SICOOB**, **SICREDI**, **UNICRED**, **CECRED**, **CRESOL** e **UNIPRIME**. Estas Cooperativas de Crédito detêm aproximadamente 90% da rede de atendimento e do total de associados.

Figura 1 – Market Share das Instituições Financeiras

Market Share das Instituições Financeiras Brasileiras* - base dez/2016								
Instituição Financeira	Ativos Totais	% de Ativos Totais	Depósitos	% de Depósitos	Patrimônio Líquido	% do Patrimônio Líquido	Operações de Crédito	% das Operações de Crédito
Banco do Brasil	1.436.765.379	17,33%	447.949.127	20,97%	77.040.362	11,69%	622.312.167	19,46%
Itaú	1.331.840.737	16,06%	369.390.258	17,29%	129.934.938	19,72%	440.538.388	13,78%
Caixa Econômica Federal	1.256.172.164	15,15%	513.098.225	24,02%	27.179.943	4,12%	696.727.941	21,79%
Bradesco	1.081.374.701	13,04%	235.821.329	11,04%	101.221.022	15,36%	344.946.899	10,79%
Santander	705.061.403	8,50%	146.962.603	6,88%	60.008.577	9,11%	212.803.654	6,66%
Cooperativismo Financeiro **	295.901.295	3,57%	141.876.258	6,64%	39.186.275	5,95%	109.254.405	3,42%
Safra	148.391.008	1,79%	12.588.744	0,59%	9.507.705	1,44%	42.865.462	1,34%
Citibank	72.024.491	0,87%	19.374.446	0,91%	8.411.261	1,28%	13.988.425	0,44%
Banrisul	68.235.459	0,82%	42.782.849	2,00%	6.441.339	0,98%	27.150.479	0,85%
Banco do Nordeste	46.321.128	0,56%	10.607.320	0,50%	3.362.495	0,51%	12.373.958	0,39%
Total do SFN	8.290.875.227		2.136.563.602		658.951.392		3.197.491.576	

Elaboração: Portal do Cooperativismo Financeiro
Fonte: BACEN – IF.data – posição de dez/2016
** Consideradas apenas as instituições financeiras de varejo (que possuem agências para atendimento aos clientes)*
*** Incluídos os Bancos Cooperativos*
**** Depósitos: não incluídos títulos e valores mobiliários e letras financeiras*

Fonte: PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2017.

Com os dados acima, nota-se que as Cooperativas Financeiras no Brasil administravam ativos totais de R\$ 296 bilhões considerando também os ativos do Banco (SICREDI S.A. e do BANCOOB), representando uma participação de mercado de 3,57% no total de ativos do mercado financeiro brasileiro e dando às cooperativas de crédito a 6ª posição no ranking das maiores instituições financeiras do país. As **operações de crédito totais atingiram R\$ 109 bilhões**, representando 3,42% do total do SFN e os **depósitos de R\$ 142 bilhões** representavam 6,64%.

3. COOPERATIVAS DE CRÉDITO

Entretanto, para maior análise, vejamos os sistemas mais representativos, com suas representatividades.

3.1 SICRED

O Portal do Cooperativismo Financeiro apresenta o SICREDI (Sistema de Crédito Cooperativo) como:

“Um sistema de 3 níveis formado por 95 cooperativas singulares filiadas, quatro centrais regionais – acionistas da Sicredi Participações S.A., uma confederação, uma fundação e um banco cooperativo e suas empresas controladas. Todas essas entidades adotam um padrão operacional único. A atuação em sistema permite ganhos de escala e aumenta o potencial das

cooperativas financeiras para exercer a atividade em um mercado no qual estão presentes grandes conglomerados financeiros.” (PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2017).

Figura 2 – Números do Sistema SICRED no ano de 2016



Fonte: PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2017.

3.2 UNICRED

O Portal do Cooperativismo Financeiro apresenta a Unicred como uma instituição financeira cooperativa que surgiu em 1989 no Rio Grande do Sul com origem na área médica e profissionais da área da saúde, atuando hoje de forma mais abrangente. Ofertando os mesmos serviços de um banco, porém com as qualidades e diferenças que somente uma cooperativa de crédito consegue oferecer a um cooperado. O Sistema Unicred, através de seu site, informa que o sistema conta hoje com 34 Cooperativas, aproximadamente 240 Unidades de Negócios em 10 estados brasileiros e cerca de 185 mil cooperados, 04 Unicreds Centrais e uma Confederação Nacional, com unidades em São Paulo, Porto Alegre e Florianópolis.

3.3 SICOOB

O Portal do Cooperativismo Financeiro classifica a SICOOB:

O Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil – Sicoob, na linha cooperativa, em dez/15 era composto de 487 cooperativas singulares, 15 centrais e a Confederação Nacional de Cooperativas de Crédito do Sicoob – Sicoob Confederação, entidade de terceiro nível que, além de empresa líder do Sistema e sua porta-voz institucional, se ocupa de atividades de apoio aos negócios das cooperativas, envolvendo TI, gestão de pessoas, marketing, normas, auditoria interna, gestão de risco operacional e controles internos, compras corporativas, entre outras. (PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2017).

Figura 3 – Números comparativos do Sistema SICOOB, anos 2014 e 2015.

INDICADORES	2014	2015	VAR. NOM.	VAR. % 2015/2014
Confederação	1	1	-	-
Banco	1	1	-	-
Centrais	17	15	(2)	-11,8%
Singulares	505	487	(18)	-3,6%
PAs	1.771	1.920	149	8,4%
Pontos de Atendimento (Sing. + PAs)	2.276	2.407	131	5,8%
Associados	2.893.350	3.181.655	288.305	10,0%
Associados PF	2.550.066	2.775.252	225.186	8,8%
Associados PJ	343.284	406.403	63.119	18,4%
Funcionários + Dirigentes	31.499	33.499	2.000	6,3%
Funcionários	24.057	26.693	2.636	11,0%
Dirigentes	7.442	6.806	(636)	-8,5%

Fonte: PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2017.

Figura 4 – Números em milhões do Sistema SICOOB, anos 2014 e 2015.

INDICADORES	2014	2015	VAR. NOM.	VAR. % 2015/2014
Operações de Crédito	31.777.159	34.705.822	2.928.662	9,2%
Op. Crédito (valor líquido)	30.609.971	33.307.799	2.697.827	8,8%
Prov. Op. Crédito	1.167.188	1.398.023	230.835	19,8%
Depósitos	31.107.731	36.139.502	5.031.770	16,2%
Depósitos de Poupança	2.550.326	2.747.376	197.050	7,7%
Depósitos a Vista	5.953.971	6.392.628	438.656	7,4%
Depósitos a Prazo	19.202.625	23.712.981	4.510.356	23,5%
Patrimônio Líquido	12.222.950	13.875.653	1.652.703	13,5%
Capital Social	8.124.171	9.282.029	1.157.858	14,3%
Receita com Serviços	923.613	1.157.527	233.914	25,3%
Lucro Líquido (Resultado)	2.094.866	2.376.410	281.544	13,4%
Ativos	50.038.287	57.567.658	7.529.370	15,0%

Fonte: PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2017.

Com isto, o Portal ainda fornece as seguintes informações:

Do universo de associados do Sicoob, 33% são provenientes dos estados de Minas Gerais, 20% de São Paulo e 20% de Santa Catarina, totalizando 73%. Nesses estados estão também localizados 70% dos pontos de atendimento e 65% dos ativos totais administrados pelo Sistema, mostrando uma ligação direta entre associados, rede de atendimento e volume de ativos. Cerca de 50% dos associados do Sicoob residem em municípios com menos de 50 mil habitantes. (PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO, 2017).

3.4 COMPARATIVOS DE TARIFAS COOPERATIVAS X BANCOS

Bancos	Transferências por meio de TED	PACOTE PADRONIZADO DE SERVIÇOS I	Concessão de adiantamento a depositante	Anuidade - cartão básico nacional	CHEQUE - Fornecimento de folhas de cheque
Banco do Brasil	R\$ 18,70 por evento	R\$ 12,15 – mensalmente	R\$ 57,85 por evento	R\$ 48,00 anuais	R\$ 1,55 por unidade
Caixa Federal	R\$ 17,50 por evento	R\$ 12,10 – mensalmente	R\$ 57,90 por evento	R\$ 60,00 anuais	R\$ 1,60 por unidade
Banco Itaú	R\$ 17,55 por evento	R\$ 12,45 - mensalmente	R\$ 57,95 por evento	R\$ 87,00 anuais	R\$ 1,60 por unidade
Banco Bradesco	R\$ 17,50 por evento	R\$ 12,20 - mensalmente	R\$ 57,90 por evento	R\$ 49,00 anuais	R\$ 1,60 por unidade
Banco Santander	R\$ 17,40 por evento	R\$ 12,20 – mensalmente	R\$ 51,80 por evento	R\$ 72,00 anuais	R\$ 1,60 por unidade
Sicoob	R\$ 0,00 por evento	R\$ 0,00 – mensalmente	R\$ 0,00 por evento	-	R\$ 0,00 por unidade
Sicred RJ	R\$ 16,50 por evento	R\$ 81,00 – mensalmente	R\$ 50,00 por evento	R\$ 180,00 anuais	R\$ 1,90 por unidade

Fonte: Banco Central do Brasil - Tarifas por instituição

3.5 COMPARATIVOS DE JUROS COOPERATIVAS X BANCOS

Bancos	Cheque Especial	Cartão de Crédito Rotativo	Crédito Pessoal	Crédito Consignado INSS
Banco do Brasil	12,29% a.m.	10,53% a.m.	4,47% a.m.	2,01% a.m.
Caixa Federal	12,45% a.m.	11,31% a.m.	4,76% a.m.	2,11% a.m.
Banco Itaú	12,62% a.m.	14,95% a.m.	4,84% a.m.	2,13% a.m.
Banco Bradesco	11,92% a.m.	18,80% a.m.	5,59% a.m.	2,09% a.m.
Banco Santander	12,29% a.m.	10,57% a.m.	4,37% a.m.	1,95% a.m.
Cooperativas	4,29% a.m.	8,64% a.m.	2,28% a.m.	1,85% a.m.

Fonte: Banco Central do Brasil - Tarifas por instituição

4. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do presente artigo, utilizou-se de pesquisa bibliográfica em livros e portais específicos, onde foi efetuado o levantamento de dados sobre a história e crescimento do movimento cooperativista no mundo e no Brasil. Para tanto, para demonstrar na prática o tema abordado pelo estudo, foi necessária uma pesquisa de campo e posterior estudo de caso sobre pessoas que utilizam serviços e produtos da cooperativa.

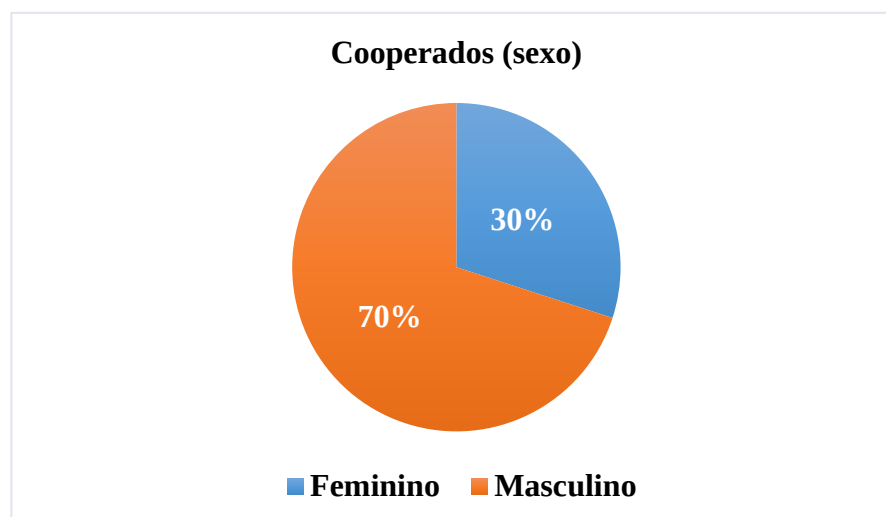
Portanto, primeiramente cita-se a localização da cooperativa analisada, sendo está instalada na cidade de Borborema/SP. O município conta com uma população estimada para o ano de 2017 no IBGE de 15.791 habitantes. No ano de 2015, o IBGE informou que o salário médio dos trabalhadores formais era de 1,8 salários mínimos. O PIB per capita no ano de 2014, segundo o Instituto, era de R\$ 20.751,03.

A cooperativa analisada foi instalada no município no ano de 2011, onde possui a estimativa de possuir em torno de 1.200 cooperados. Sua base de trabalho consiste no crédito rural, onde já foi elencado que as cooperativas se destacam neste meio. Possui em seu quadro de colaboradores, 6 efetivos e 1 estagiário.

A pesquisa foi composta por 16 questões, que foram entregues a 20 cooperados, que a responderam sem serem identificados, demonstrando sua opinião sobre os serviços prestados, os produtos que utilizam e também a sua relação com os colaboradores da mesma.

5. RESULTADOS

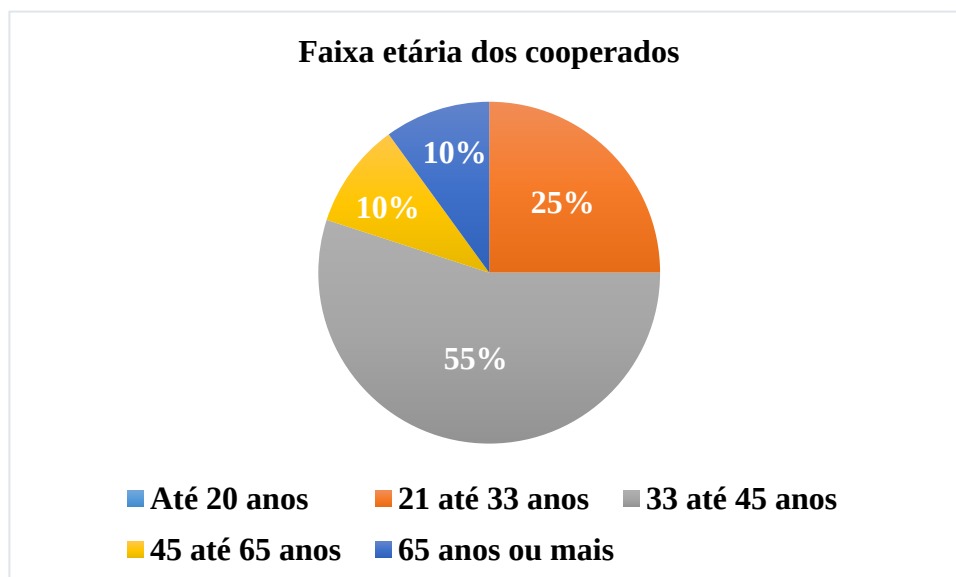
Gráfico 1 - Apresenta o sexo dos cooperados entrevistados



No gráfico acima, observa-se que a cooperativa pesquisada tem 70% de sua composição com homens e apenas 30% de mulheres. Para refletir-se quanto ao resultado, observa-se que a cooperativa tem sua história voltada para o campo rural, onde na grande maioria das vezes, encontrava-se no homem, o representante da família na questão bancária e documental.

Para aprofundar-se na divisão de idades, utilizou-se no questionário aplicado a divisão de idades, para explicitar a questão etária, onde hoje, o mercado comercial volta seus objetivos quanto ao público e qual faixa irá atingir.

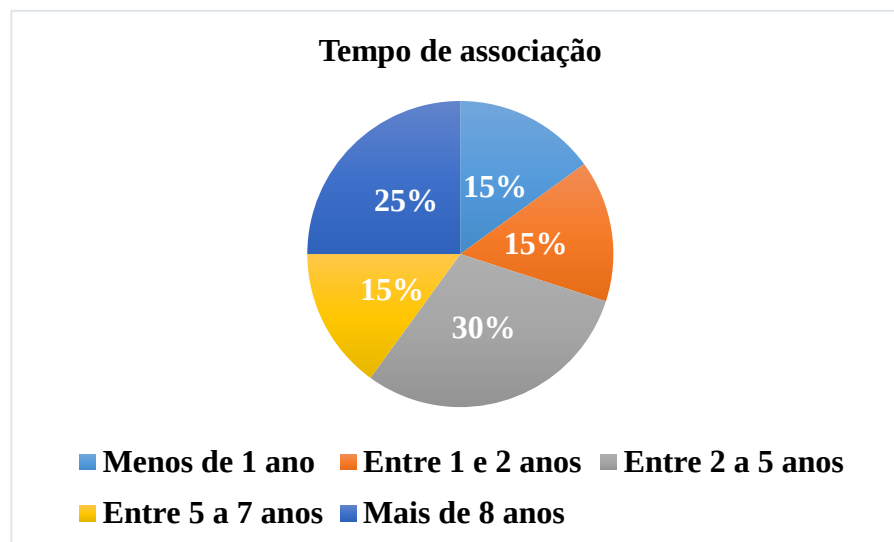
Gráfico 2 – Análise da faixa etária que compõem o quadro associativo



No quadro acima, afirma-se que o público atingido pela cooperativa é 55% presente na faixa etária de 33 até 45 anos, onde assim, discute-se que estes se tornaram cooperados após terem um nível de conhecimento maior e melhor sobre o mercado bancário. Pode-se destacar o público jovem, que atinge 35% dos pesquisados, estando neste meio os jovens que tem até 20 anos e atingindo também os que se concentram na faixa de 21 até 33 anos.

Considerando que a cooperativa está na cidade há pouco mais de 6 anos, apresenta-se o tempo que os cooperados estão associados, mostrando-se neste gráfico a seguir, que aqueles que estão entre 5 e 7 anos, grande parte se associaram em outras cidades, para depois utilizar-se do serviço em Borborema/SP.

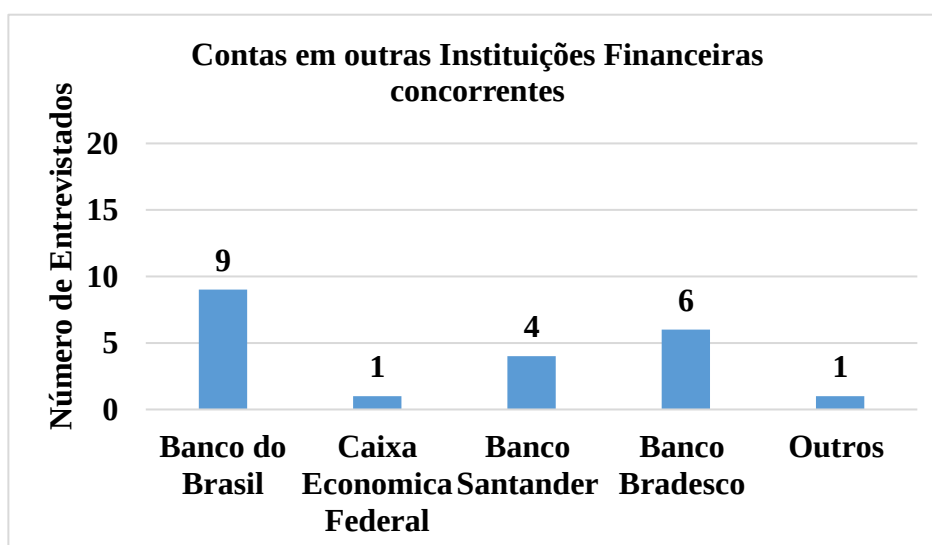
Gráfico 3 – Análise do tempo de associação dos cooperados



Utilizando-se do gráfico para uma análise mais aprofundada, é observado que apenas 15% dos cooperados está há menos de 1 ano como associados, sendo assim, conclui-se que a grande maioria que está nas divisões maiores de tempo, confia e têm na cooperativa, um modelo econômico que utiliza e vê benefícios nesta.

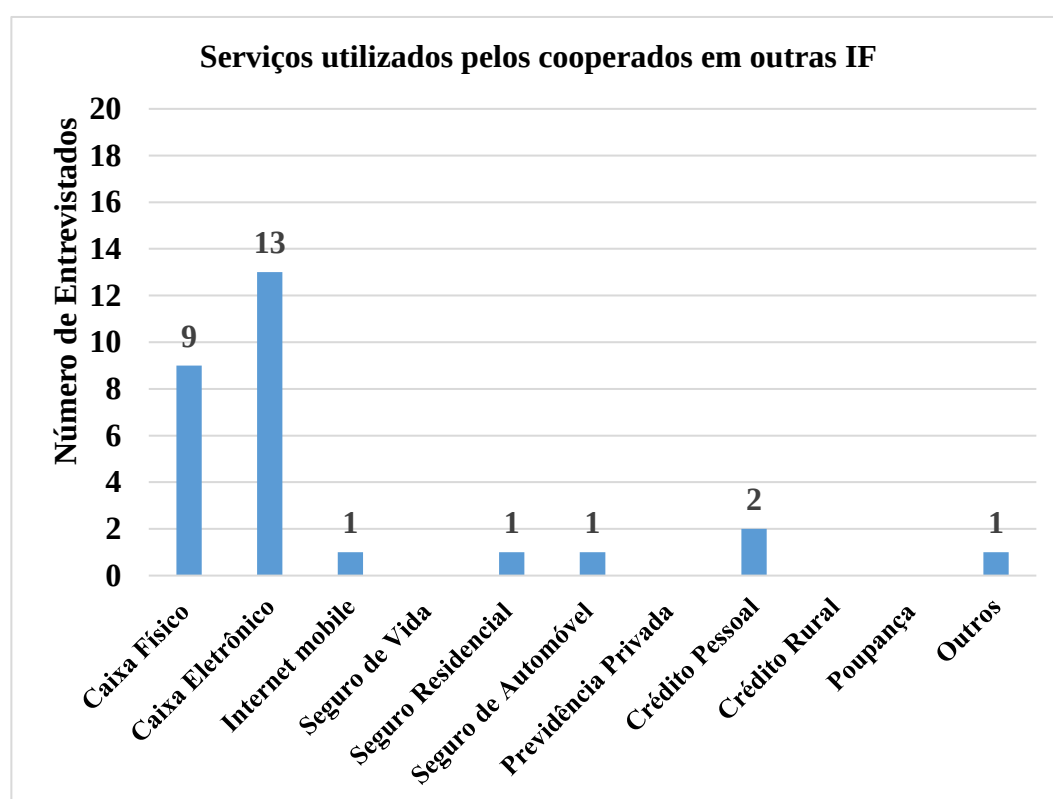
Para compararmos a utilização da cooperativa com os outros bancos da cidade, perguntou-se aos entrevistados, quais bancos eles teriam relacionamento comercial naquele momento.

Gráfico 4 – Cooperados que possuem contas em outras instituições financeiras no município



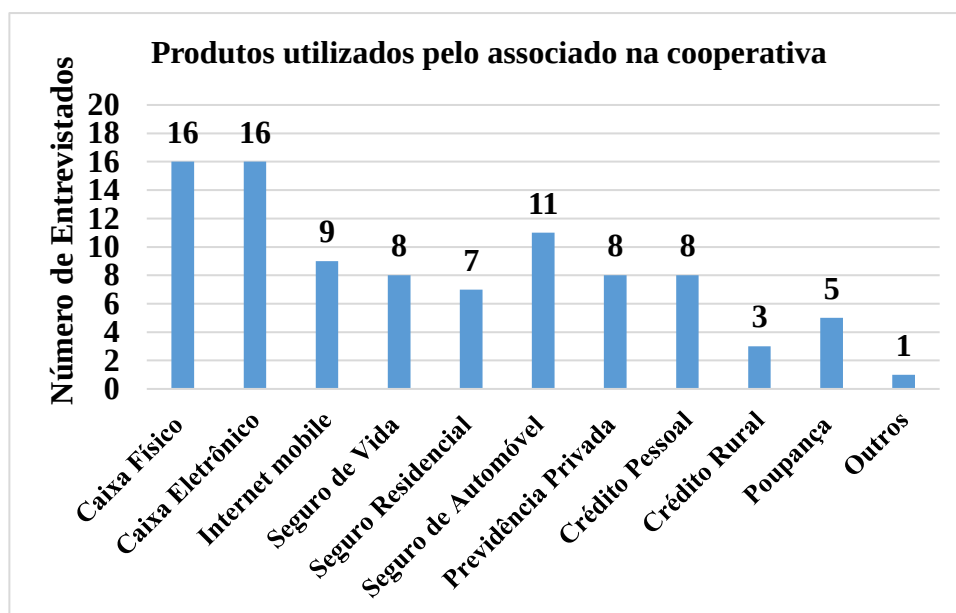
Para efeito de comparação, encontramos que apenas 9 entrevistados dentre 20, utilizam-se do Banco do Brasil, 6 utilizam-se do Banco Bradesco, 4 estão no Banco Santander e apenas 2 entrevistados tem relacionamento na CEF ou outros bancos. Assim, diz-se que o cooperado é fiel na grande maioria em utilizar-se somente da cooperativa. Entretanto, não bastando apenas perguntar quais os outros bancos utilizados, foi questionado aos pesquisados, quais os serviços/produtos bancários utilizados nos bancos comerciais.

Gráfico 5 – Utilização de serviços/produtos nos bancos presentes no município



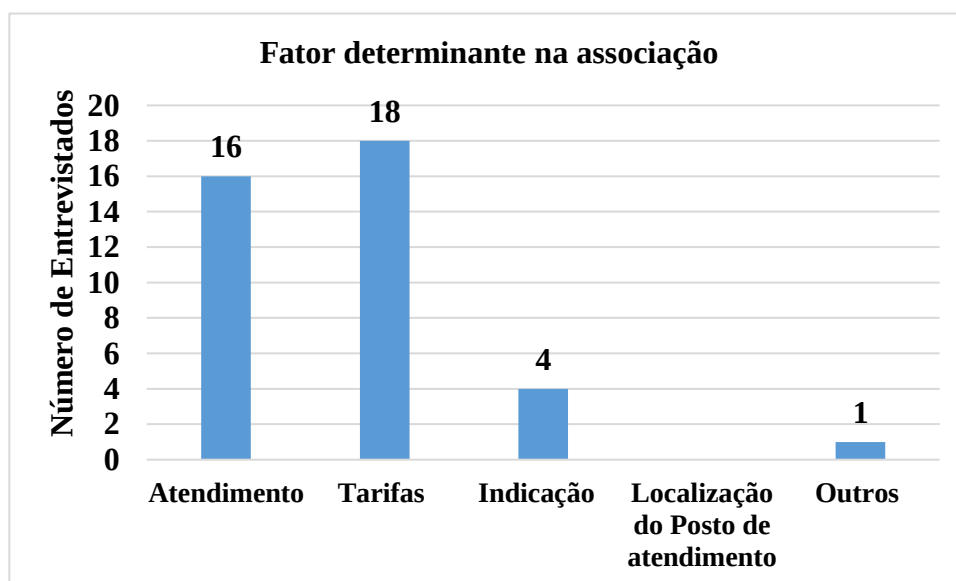
Portanto, chega-se à conclusão que os entrevistados, através de análise do gráfico acima, utilizam-se apenas de dois serviços destacados: Caixa Físico e Caixas Eletrônicos, assim, apenas meios de utilização de prestação de serviço e vê-se que os mesmos não compram os produtos destes bancos comerciais. Mas, se os mesmos não utilizam serviços e produtos nos outros bancos comerciais, tem-se a necessidade de analisar os serviços utilizados na cooperativa.

Gráfico 6 – Utilização de serviços/produtos na cooperativa pesquisada



Num contexto de grande concentração, observamos que além de termos índices altos no Caixa Físico e Caixa Eletrônico como nos bancos, vemos que os associados buscam na cooperativa, produtos como seguros, crédito, poupança, assim utilizando estes por terem benefícios. Para efeito, também se perguntou ao entrevistado, qual seria o fator determinante para que este se tornasse um associado da cooperativa.

Gráfico 7 – Fator determinante na associação a cooperativa

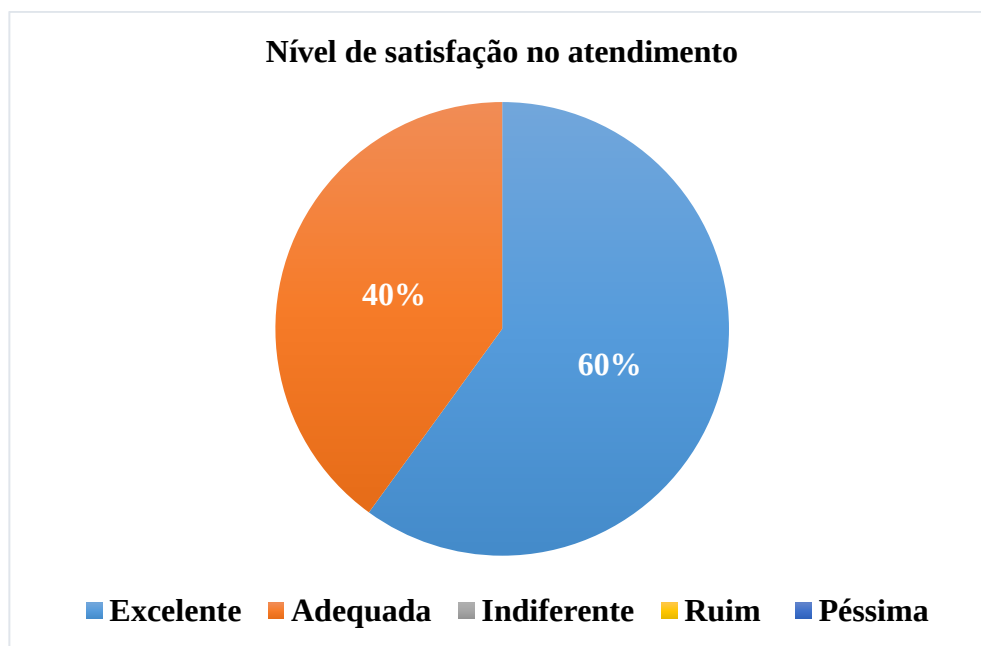


Destacam-se as tarifas, onde em tabela mostrada anterior no artigo, vemos que a cooperativa possui tarifas zero, ou seja, com grande certeza este resultado seria esperado, pois o associado utiliza-se de serviços bancários, porém, sem pagar por eles, como se utilizasse em um banco comercial.

Também se destaca que o atendimento é referendado por 16 entrevistados dos 20 possíveis, ou seja, o cooperado é bem atendido e vê na cooperativa um modelo de atendimento.

Para esclarecer-se melhor, este tão alto índice de atendimento, o entrevistado foi questionado quanto ao nível de satisfação no atendimento que recebe.

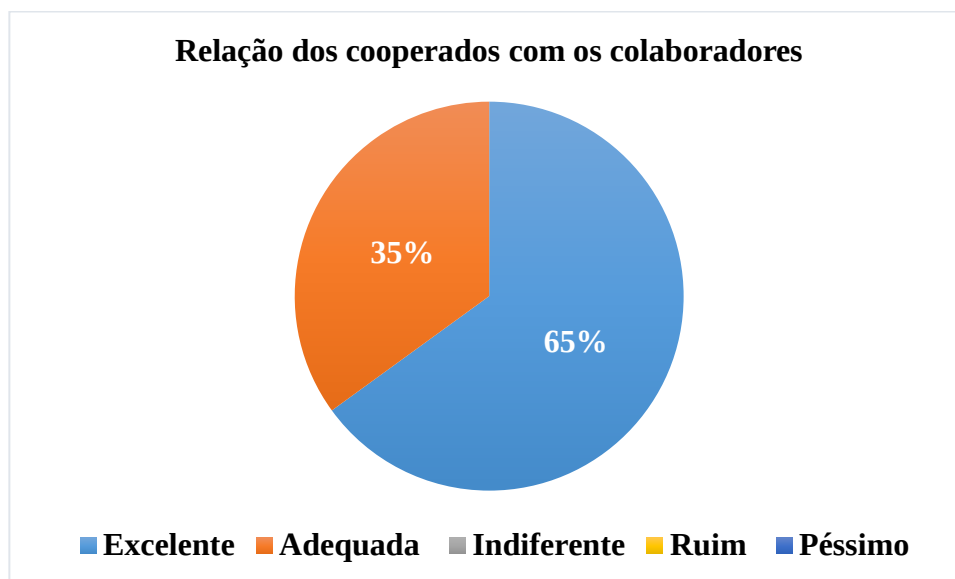
Gráfico 8 – Nível de satisfação no atendimento recebido pela equipe de colaboradores



Completa-se o gráfico 6 com este, pois 60% destaca o atendimento como excelente e 40% como adequado, ou seja, realmente o atendimento pode ser destacado como diferencial no momento de associação na cooperativa. E analisar que nenhum entrevistado informou opção diferente, consagra o modelo de atendimento, sendo referência para aqueles que lá estão.

Ainda para se mostrar estes altos índices, buscou-se perguntar ao entrevistado, qual era sua relação pessoal com os colaboradores que atendem os entrevistados diariamente.

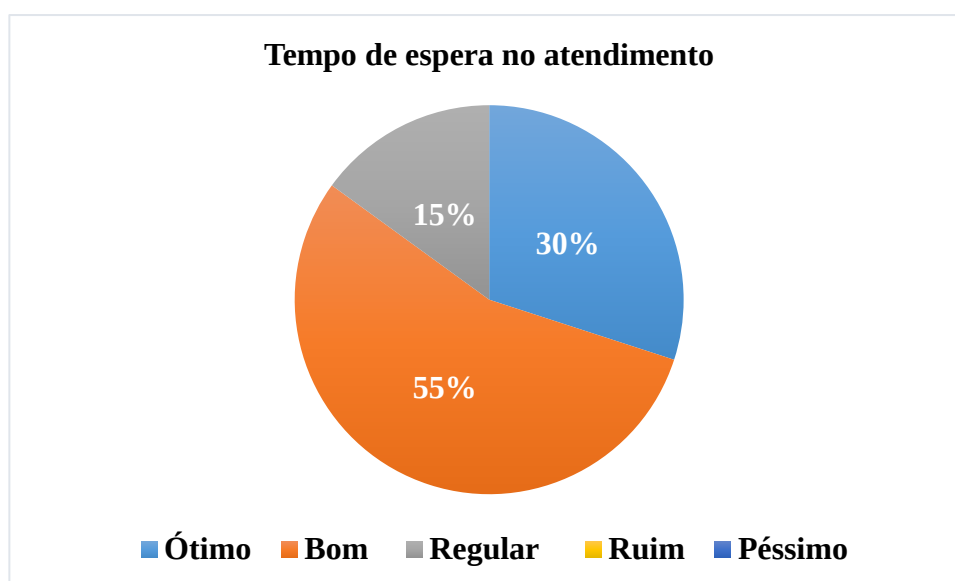
Gráfico 9 – Relação cooperado x colaborador



Analisa-se que, o atendimento na cooperativa é algo pessoal, pois 65% dos entrevistados destacam que sua relação com os colaboradores é excelente, demonstrando mais uma vez, que um bom atendimento, traz resultados favoráveis à empresa que o emprega. Ainda, cabe ressaltar, que não houve nenhum entrevistado opinando desfavorável com o atendimento recebido.

Aproveitou-se a oportunidade, para questionar os associados, quanto ao tempo de demora no atendimento que buscam na cooperativa.

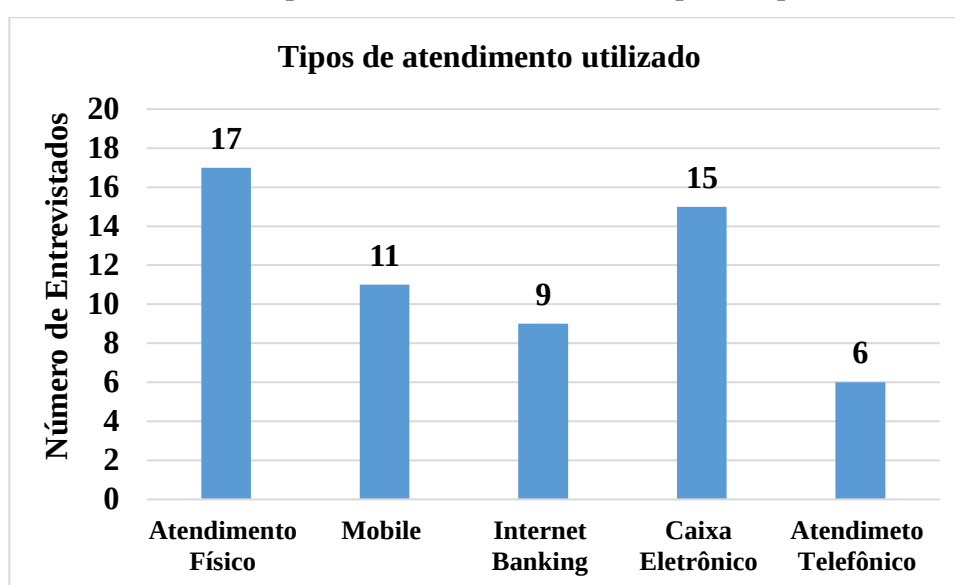
Gráfico 10 – Tempo estimado de espera que o cooperado estima passar na cooperativa



Em resposta à pergunta, os entrevistados mantiveram a média alta de avaliação, taxando o tempo de atendimento como 30% ótimo e 55% bom, sendo o total de 85% que consideram o tempo em nível de excelência. Cabe ressaltar que 15% dos cooperados afirmaram o ser o tempo esperado como regular, causando a cooperativa estudada uma abordagem para que estes entrem nas médias apresentadas acima.

Para adentrar-se na questão tecnológica, que está avançando cada vez mais no mercado bancário, questionou-se qual o tipo de atendimento utilizado pelo cooperado.

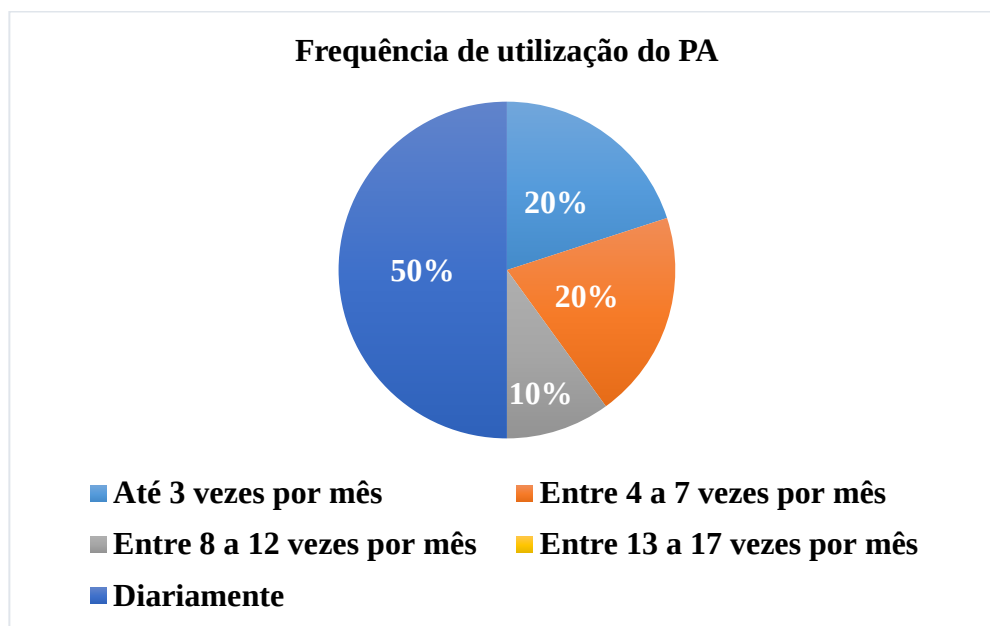
Gráfico 11 – Análise sobre os tipos de atendimentos utilizados pelo cooperado



Neste quesito, há de se destacar que ainda os cooperados utilizam demasiadamente o atendimento físico, pois entre 20 entrevistados, 17 informam que fazem uso deste. Ainda se vê que o atendimento telefônico é lembrado pelos entrevistados, sendo citado por 6 pesquisados. Há de acreditar-se que a cooperativa está em progressão e busca contínua para que os níveis de autoatendimento sejam atingidos, se igualando ao atendimento físico.

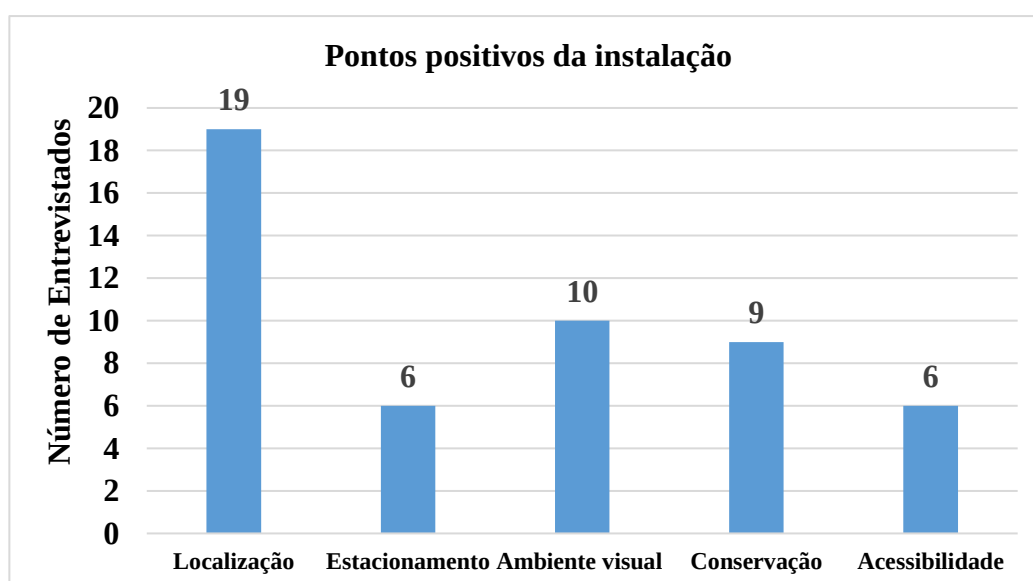
Por haver este nível de citações de atendimento físico, a questão demonstrada abaixo, informa quantas vezes o cooperado costuma estar presente no posto de atendimento da cooperativa.

Gráfico 12 – Mensuração sobre as visitas ao Posto de Atendimento



Analisando-se o gráfico acima, encontramos que ainda 50% dos cooperados diz ir todos os dias ao posto de atendimento, gerando assim, uma hipótese que os entrevistados confiam mais no atendimento pessoal e menos no atendimento digital. E mesmo os outros resultados, ainda conseguem mostrar que mesmo aqueles que estão se dirigindo menos a cooperativa, ainda buscam se cercar do atendimento pessoal, que é o destaque da cooperativa, como foi citado anteriormente no artigo. Para colaborar com o alto índice de utilização do PA, questionou-se qual era o destaque positivo das instalações da cooperativa.

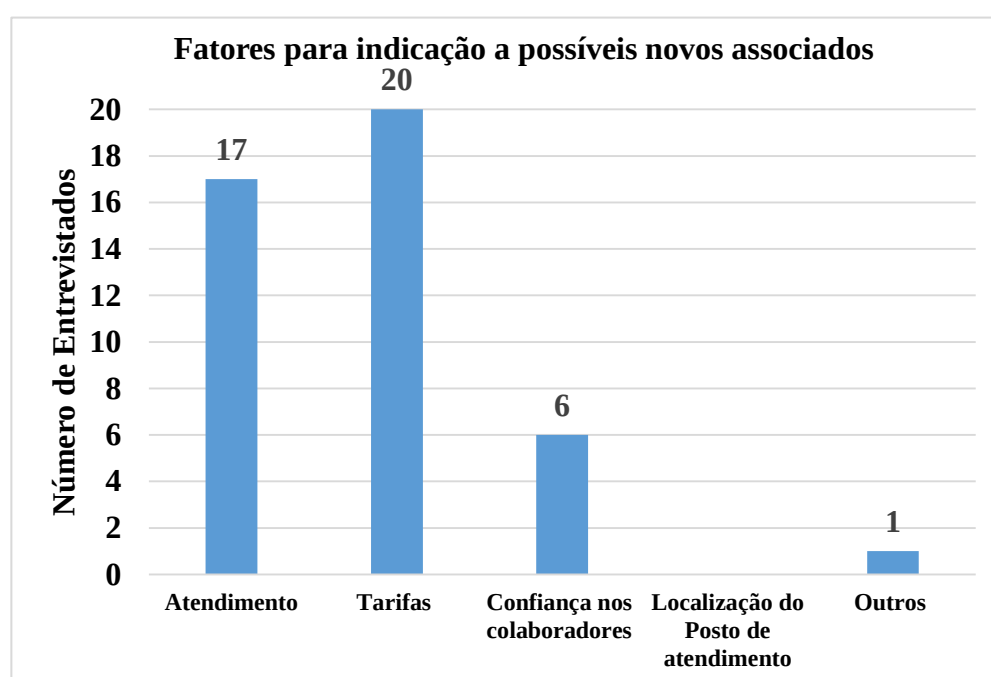
Gráfico 13 – Qualificação das qualidades da instalação física da cooperativa



Entre 20 entrevistas, 19 citaram que a localização do PA seria o maior ponto positivo, pois se acredita que por estar sediado no centro da cidade, faz com que o mesmo seja de fácil acesso. Outro posto a ser relevado é o aspecto visual, onde 10 entrevistados citaram este, portanto, há de se destacar que a percepção por um local novo, bem estruturado, como moveis adequados, faz com que as pessoas tenham aquele ambiente como ideal para estarem.

Para encontrar o nível de satisfação, perguntou-se ao cooperado, qual era os fatores que o fariam indicar a cooperativa para possíveis novos associados.

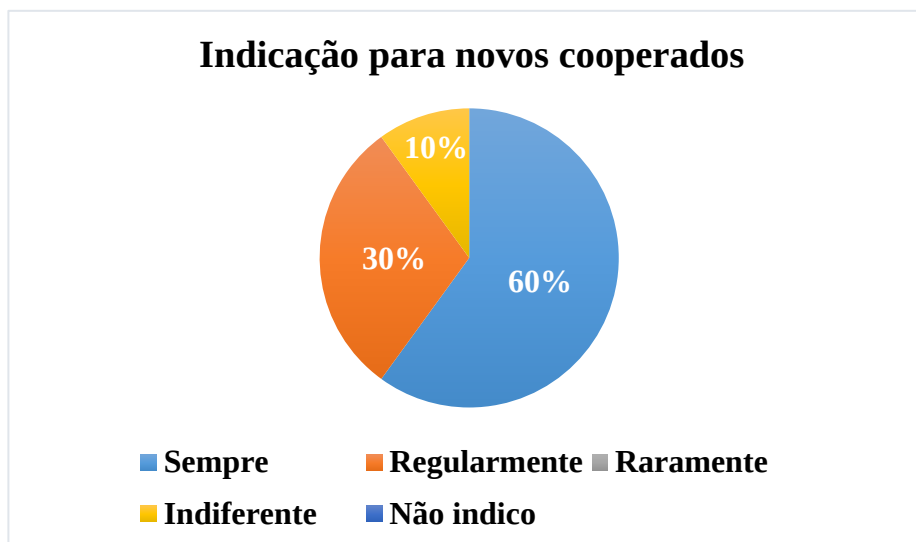
Gráfico 14 – Fatores que contribuem para que haja indicação para novos cooperados



O resultado transcende a opinião já citada em pergunta anterior, pois 20 cooperados entrevistados, todos citam as tarifas como meio de indicação. Destaca-se também, que o atendimento que foi bem avaliado em questão anterior, volta a ser destaque nesta. Conclui-se que tarifas e atendimento são diferenciais para que o cooperado utilize-se dos serviços/produtos e que isto os faça indicar novos.

E para aferição da pergunta anterior, o pesquisado foi questionado qual era o nível de indicação para novos e possíveis utilizadores deste sistema econômico.

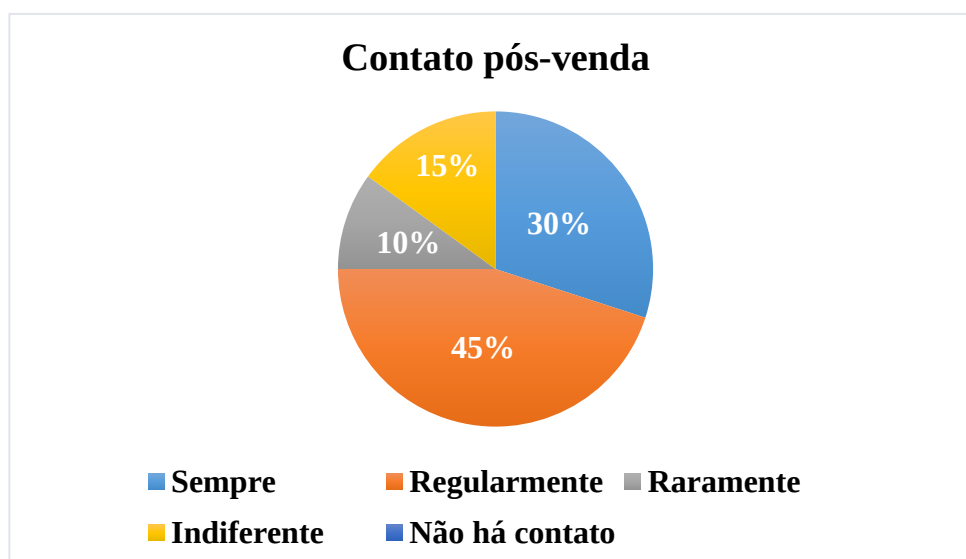
Gráfico 15 – Análise sobre a recorrência de indicação para novos associados



O resultado acima indica que 60% dos entrevistados costumam indicar sempre à cooperativa, ou seja, estão satisfeitos e querem novas pessoas desfrutando do mercado cooperativo. Ainda 30% indicam que regularmente fazem isto, colaborando para que índice de indicação alcance níveis de excelência neste quesito. Apenas uma pequena fração, 10% no caso, indica ser indiferentes para esta questão, cabendo ressaltar, que raramente e não indico não apareceram nenhuma vez nesta.

Para finalização da pesquisa, foi perguntado aos cooperados como era o pós-venda, uma técnica comercial utilizada por empresas no ramo.

Gráfico 16 – Qualificação sobre o contato pós-venda de produtos



Neste quesito, a cooperativa ainda demonstra níveis altos, como 30% informam que sempre há contato para conhecimento da opinião sobre o produto adquirido, 45% dizem regularmente receber este tipo de acionamento, 15% ainda se mostram indiferente a este e apenas 10% informam que raramente há este contato, sendo assim, ainda 25% precisam ser constantemente contatados para que os níveis apresentem somente resultados ótimos.

6. CONCLUSÃO

Através primeiramente da pesquisa bibliográfica apresentada, consequentemente a confirmação do estudo com a pesquisa de campo e a análise dos dados apresentados, confronta-se toda a história do modelo cooperativista.

O modelo é secular, porém no país, começou de forma tímida e pequena para ajuda de produtores no Rio Grande do Sul. Atualmente, o que era pequeno, se transformou na 6ª maior instituição financeira do país, fazendo uma grande diferença no mercado que está inserido. Pode-se dizer que no começo, os privilegiados com este sistema eram apenas os agricultores, o que hoje se transforma no benefício de empresas, sejam elas de grande ou pequeno porte, e também se estende a todas as pessoas físicas.

Em uma crescente, que os brasileiros estão se tornando cada vez mais criteriosos e formadores de sua opinião, estes buscam pagar menos juros, tarifas menores e terem mais soluções que sejam acessíveis ao seu patamar financeiro, as cooperativas trazem esta opção, onde além de terem inúmeras vantagens, são donos do próprio do negócio, se tornando associados.

Portanto, pelo levantamento bibliográfico e pesquisa efetivada, o sistema cooperativo é crescente e está se tornando tendência para os que utilizam de serviços bancários. Afinal, todo o sistema é respaldado pelo Governo e baseia-se em leis concretas que fiscalizam e normatizam todo o sistema. Importante ressaltar-se que um movimento crescente exigirá cada vez mais opções que vão de encontro dos resultados demonstrados na pesquisa: bom atendimento, tarifas menores, localização dos postos atendimentos acessíveis, escalonamento no serviço digital, pois ainda temos pessoas que buscam somente o contato pessoal, o tempo de atendimento que seja de acordo com uma vida intensa onde cada minuto é disputado por todos, e criação de cultura de indicação: quem utiliza, mostra, convoca e traz para sua cooperativa mais pessoas que queiram economizar, gerar riquezas e transformar o sistema bancário brasileiro, tão soterrado por tarifas exorbitantes, juros astronômicos e atendimento cada vez mais impessoal.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Lei 5764/71. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. 1971. Brasília, DF.
- CONCEITOS COOPERATIVISTAS. Disponível em: <http://cooperativismodecredito.coop.br>. Acesso em 19 de setembro de 2017.
- CROCTEAU, John T. **A economia das cooperativas de crédito**. São Paulo: Atlas, 1968.
- CRÚZIO, Helnon de Oliveira. **Como organizar e administrar uma cooperativa**. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ETGETO, Anderson Augusto et al. **Os princípios do cooperativismo e as cooperativas de crédito no Brasil**. Maringá Management, v. 2, n. 1, 2006.
- FRANZ, Cristiane Mesquita. **A contribuição do cooperativismo de crédito para a eficiência econômica e eficácia social**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2006.
- MEINEN, Ênio et al. **Aspectos jurídicos do cooperativismo**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002.
- MEINEN, Ênio et al. **Cooperativas de Crédito no Direito Brasileiro**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002a, p. 16-17.
- ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS NO BRASIL. Disponível em: <http://www.somoscooperativismo.coop.br>. Acesso em 20 de setembro de 2017.
- PAGNUSSATT, Alcenor. **Guia do cooperativismo de crédito – organização, governança e políticas corporativas**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2004.
- SANTOS, João Carlos de Los. **Os 25 anos da retomada do Cooperativismo de Crédito Brasileiro**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2005.
- SCHARDONG, Ademar. **Cooperativa de crédito: instrumento de organização econômica da sociedade**. 2 ed. Porto Alegre: Rigel, 2003.
- UNICRED. Disponível em <http://www.unicred.com.br>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

8. APÊNDICE

QUESTIONÁRIO – COOPERADOS

1. Sexo

Feminino	
Masculino	

4. Possui contas em outros bancos? Se sim, quais?

Banco do Brasil	
Caixa Econômica Federal	
Banco Santander	
Banco Bradesco	
Outros	

7. Fatores determinantes na decisão para associação?

Atendimento	
Tarifas	
Indicação	
Localização do Posto de atendimento	
Outros	

10. Tempo de espera para atendimento?

Ótimo	
Bom	
Regular	
Ruim	
Péssimo	

13. Sobre as instalações do PA, poderia destacar positivamente?

Localização	
Estacionamento	
Ambiente visual	
Conservação	
Acessibilidade	

16. Após adquirir algum serviço, houve contato para saber sua opinião?

Sempre	
Regularmente	
Raramente	
Indiferente	
Não há contato	

2. Idade

Até 20 anos	
21 até 33 anos	
33 até 45 anos	
45 até 65 anos	
65 anos ou mais	

5. Quais serviços utilizados em outra instituição financeira?

Caixa Físico	
Caixa Eletrônico	
Internet mobile	
Seguro de Vida	
Seguro Residencial	
Seguro de Automóvel	
Previdência Privada	
Crédito Pessoal	
Crédito Rural	
Poupança	
Outros	

8. Como você avalia a qualidade no atendimento que recebe?

Excelente	
Adequada	
Indiferente	
Ruim	
Péssima	

11. Quais atendimentos da cooperativa você utiliza?

Atendimento Físico	
Mobile	
Internet Banking	
Caixa Eletrônico	
Atendimento Telefônico	

14. Fatores determinantes na decisão para indicação de novos associados?

Atendimento	
Tarifas	
Confiança nos colaboradores	
Localização do Posto de atendimento	
Outros	

3. Tempo de associação?

Menos de 1 ano	
Entre 1 e 2 anos	
Entre 2 a 5 anos	
Entre 5 a 7 anos	
Mais de 8 anos	

6. Quais serviços utilizados pelo cooperado na cooperativa?

Caixa Físico	
Caixa Eletrônico	
Internet mobile	
Seguro de Vida	
Seguro Residencial	
Seguro de Automóvel	
Previdência Privada	
Crédito Pessoal	
Crédito Rural	
Poupança	
Outros	

9. Como é a sua relação com os profissionais da cooperativa?

Excelente	
Adequada	
Indiferente	
Ruim	
Péssimo	

12. Qual a periodicidade que recorre ao posto de atendimento?

Até 3 vezes por mês	
Entre 4 a 7 vezes por mês	
Entre 8 a 12 vezes por mês	
Entre 13 a 17 vezes por mês	
Diariamente	

15. Você costuma indicar a cooperativa para associados em potencial?

Sempre	
Regularmente	
Raramente	
Indiferente	
Não indico	